



**Juventudes, trabalho e modos de cooperação: por uma ética da hospitalidade**

Joel Luis Dumke<sup>1</sup>

Cleber Gibbon Ratto<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta uma discussão sobre a formação das juventudes e sobre os modos de trabalho em empreendimentos de coleta seletiva e reciclagem na cidade de Canoas, no Estado do Rio Grande do Sul. Inicialmente são apresentados os aportes teóricos para a demarcação do tema das juventudes (PAIS, 2003) no mundo contemporâneo, onde se compreende a necessidade de assumir a condição (MELUCCI, 2002) e a situação juvenil (ABAD, 2002) como marcadores de análise. Na sequência, faz-se uma abordagem dos modos de trabalho onde os jovens estão inscritos e trata-se de apresentar algumas das compreensões dos próprios sujeitos em relação ao trabalho que é desenvolvido no empreendimento, uma alternativa frente à exploração dos modos capitalistas de trabalho. Por fim, discute-se a possível emergência de uma ética da hospitalidade (DERRIDA, 2003) como modo de sociabilidade e democracia-por-vir frente aos complexos dilemas ambientais da atualidade.

**Palavras-chave:** juventudes; trabalho; ambiente; ética; capitalismo.

**Abstract:** The article presents a discussion on the training of youths and ways of working in enterprises of selective collection and recycling in the city of Canoas, State of Rio Grande do Sul. Inicialmente presents the theoretical framework for the demarcation of the theme of the youths (PAIS, 2003) contemporary world, which understands the need to assume the condition (MELUCCI, 2002) and the youth situation (ABAD, 2002) analysis as markers. Subsequently, it is an approach of working modes where young people are enrolled and it is present some of the understandings of the subjects in relation to the work developed in the project, an alternative against the exploitation of capitalist modes of working. Finally, we discuss the possible emergence of an ethic of hospitality (DERRIDA, 2003) as a way of sociability forward to today's complex environmental dilemmas.

**Keywords:** youths; work; environment; ethics; capitalism.

<sup>1</sup>Teólogo. Especialista em Gestão do Cuidado. Mestre em Educação. Colaborador do TECNOSOCIAL/UNILASALLE. Canoas/RS. Integrante do Grupo de Pesquisa Cultura Contemporânea, Sociabilidades e Práticas Educativas (CNPq). joeldumke@gmail.com

<sup>2</sup>Psicólogo. Doutor em Educação. Pesquisador e Coordenador Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle/UNILASALLE. Canoas/RS. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura Contemporânea, Sociabilidades e Práticas Educativas (CNPq). cleber.ratto@unilasalle.edu.br

## Introdução

O artigo tem como propósito fazer uma discussão sobre a formação das juventudes e sobre os modos de trabalho em um empreendimento de coleta seletiva e reciclagem de lixo da cidade de Canoas, no Estado do Rio Grande do Sul, tomando como referência a compreensão dos próprios sujeitos acerca de sua participação na Cooperativa de Reciclagem e Coleta Seletiva União Faz a Força de Canoas - COOPERMAG.

Inicialmente são apresentados os aportes teóricos para a demarcação do tema das juventudes (PAIS, 2003) no mundo contemporâneo, onde se compreende a necessidade de assumir a *condição* (MELUCCI, 2002) e a *situação* (ABAD, 2002) juvenil como marcadores de análise. Na seqüência, faz-se uma abordagem dos modos de trabalho onde os jovens estão inscritos e trata-se de apresentar algumas das compreensões dos próprios sujeitos em relação ao trabalho que é desenvolvido no empreendimento, uma alternativa encontrada pelos cooperados da comunidade do bairro Mato Grande para enfrentar o desemprego e a exploração dos modos capitalistas de trabalho. Por fim, discute-se a possível emergência de uma ética da hospitalidade (DERRIDA, 2003) como modo de sociabilidade e democracia-por-vir frente aos complexos dilemas ambientais da atualidade.

Trata-se de um estudo teórico com a inserção e análise de algumas falas de jovens extraídas da dissertação de mestrado em educação intitulada “Juventudes contemporâneas e a construção de identidades no trabalho cooperativo apoiado pelo TECNOSOCIAL/UNILASALLE”, defendida no primeiro semestre de 2012 no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle/UNILASALLE e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O trabalho de pesquisa consistiu no acompanhamento sistemático de cinco jovens trabalhadores da COOPERMAG em suas rotinas, na busca por compreender os sentidos atribuídos por eles à experiência de trabalho cooperativo e o impacto disso sobre suas vidas. Neste artigo, desdobramento da pesquisa desenvolvida, foram tomadas especialmente entrevistas realizadas com esses cinco jovens em torno dos temas: juventudes, trabalho, ambiente e cooperação.

O estudo ainda apresenta algumas passagens onde os jovens se inserem no empreendimento ao ponto de se perceberem como “donos” da cooperativa, o que só é possível ser notado na fala de jovens com mais de oito meses no empreendimento. Percebeu-se, inclusive, que o empreendimento muda a visão de mundo dos jovens em relação ao trabalho desenvolvido pela cooperativa de coleta seletiva e reciclagem. A vivência no empreendimento muda a visão anteriormente construída sobre o lixo e impacta sobre seus modos de existir. O

que antes era considerado material de descarte, agora é considerado matéria prima no mundo de trabalho dos jovens, num processo de ressignificação de suas próprias situações existenciais. Considera-se, inclusive, que, além dos jovens construírem uma nova visão sobre o lixo, constrói-se, também, uma nova visão sobre o meio ambiente, quando os jovens registram que o trabalho que eles desenvolvem no empreendimento é tido como uma contribuição significativa para o meio ambiente e para a sociedade que, diariamente, produz toneladas de lixo incrementando a cultura do descarte e do desperdício.

Dessa experiência decorre uma provocação do pensamento na direção de uma ética da hospitalidade, num compromisso ecosófico de reconstrução das relações homem-mundo, onde é possível existir em comunidade e recriar formas de habitar o planeta.

### **Juventudes contemporâneas**

Para discutir o tema das juventudes, optamos pelos referenciais teóricos que se aproximam dos projetos sociais das juventudes. Dentre os principais estão Pais (2003), Dayrell (2003, 2007), Abramovay (2002, 2007) e o Conselho Nacional de Juventude - CONJUVE (2006).

Para Pais (2003), na perspectiva de sua Sociologia da Juventude, o tema precisa ser compreendido na tensão entre unidade e diversidade. A aparente unidade está dada como referência a uma fase da vida, desenvolvimento corporal e inserção no mundo adulto e suas institucionalidades, produzindo uma série de formas de regulação que se sustentam nessa noção de unificação, seja ela biológica, política ou cultural. Já na perspectiva da juventude como diversidade encontramos Pais referindo-se aos diferentes modos como os jovens colocam em marcha seus modos de existir e conviver, reinventados no cotidiano desses próprios sujeitos. Para além de uma pretensa unificação etária, biológica ou cultural, concebe-se que os jovens produzem estilos, comportamentos, atitudes, diferentes expressões que ultrapassam essas categorizações típicas de sua concepção como unidade.

De acordo com Dayrell (2007) compreendemos que as diferentes dimensões da condição juvenil “são influenciadas pelo espaço onde são construídas, que passam a ter sentidos próprios, transformando-se em *lugar*, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios” (DAYRELL, 2007, p. 1112). Compreendemos que esse é um dos motivos pelo qual a temática juventudes “tornou-se um tema interessante de pesquisa, porque a biografia dos dias de hoje tornou-se menos previsível, e os projetos de vida passaram mais do que nunca a depender da escolha autônoma do indivíduo” (MELUCCI, 1996, p. 9).

De acordo com Dayrell (2007) faz-se necessário compreender os jovens trabalhadores (inclusive os da COOPERMAG) como sujeitos sociais que constroem suas identidades em meio às relações sociais, em meio às responsabilidades familiares, em meio à educação de seus filhos, etc. Observamos que os jovens vivem os compromissos, as responsabilidades e os desafios de serem jovens trabalhadores. Entre os desafios estão presentes o pouco valor da mão de obra por seu trabalho, não estar protegido pela seguridade social e, apesar disso, sustentar a confiança no porvir, uma vez que a cooperativa onde os jovens trabalham mantêm um convênio com a Prefeitura Municipal de Canoas para prestação de serviços de coleta seletiva e reciclagem, que poder ser renovado ou não ao final de cada ano.<sup>3</sup>

Entende-se esse grupo de trabalhadores como jovens que vivem uma condição específica de ser juventude. Trata-se de uma condição social construída na periferia, em meio ao tráfico de drogas e armas, em um bairro onde as pessoas vivem da reciclagem e da pesca artesanal, num contexto de extrema pobreza. Dentro desse cenário se localiza a cooperativa COOPERMAG, que surge como uma alternativa de combate à miséria e como alternativa de geração de trabalho e renda na comunidade. Os jovens estabelecem suas relações e constroem suas identidades em um contexto particular, com características próprias, mas compreendidas de forma mais ampla com uma condição juvenil, que faz referência à maneira de ser, à situação presente no espaço onde o jovem se insere na vida. Para Melucci (2002), concebida como construção social “a condição juvenil, é por excelência, uma fase de passagem e de suspensão, se prolonga, se estabiliza torna-se condição de massa, não mais ligada à idade biológica” (p.101).

Existe um cuidado importante a ser tomado quando falamos sobre a formação dos jovens na sociedade contemporânea. Compreender os jovens como sujeitos sociais significa inseri-los na sociedade e nas relações sociais que estabelecem sem naturalizar sua condição. Diferente disso, algumas leituras buscam aproximar os jovens de uma série de imagens na maneira de compreendê-los. De acordo com Dayrell:

Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, o

---

<sup>3</sup> A COOPERMAG possui um convênio com a Prefeitura Municipal de Canoas. Mensalmente, a cooperativa recebe do município um repasse no valor aproximado de R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais) com o qual paga o aluguel de dois caminhões, os garfis, despesas de luz, telefone, água, e o pró-labore da administração.

que ainda não chegou a ser, negando o presente vivido (DAYRELL, 2003, p. 40).

Desconsiderar a construção social no processo de formação das juventudes é considerar o jovem como um não-sujeito de sua história ou ainda como um ser em trânsito, sem identidade, apenas um “vir a ser”. A construção de uma identidade juvenil produzida pelos meios de comunicação agride as diferentes culturas juvenis e regride no tempo quando unifica os jovens num modelo único de ser jovem, por exemplo. Atualmente não é mais possível tratar do tema das juventudes no singular. A vida dos jovens

[...] tem se mostrado mais complexa, combinando processos formativos com processos de experimentação e construção de trajetórias que incluem a inserção no mundo do trabalho, a definição de identidades, a vivência da sexualidade, da sociabilidade, do lazer, da fruição e criação cultural e da participação social. O que se ressalta nessa perspectiva é a importância de se considerar a perda da linearidade e de um padrão único na transição para a vida adulta, com possibilidades de trajetórias juvenis intermitentes e reversíveis. (CONJUVE, 2006, p. 20).

A juventude apresentada como uma condição juvenil por Dayrell (2007) se aproxima da definição do relatório do Conselho Nacional da Juventude que considera a juventude como uma condição social que, no Brasil, congrega pessoas entre os 15 e os 29 anos (CONJUVE, 2006).

A construção de conceitos para as juventudes contemporâneas ganha diferentes formulações em diferentes espaços e lugares sociais. No caso dos jovens trabalhadores da COOPERMAG, a construção de suas relações se realiza de maneira muito próxima das relações de trabalho na cooperativa, enquanto espaço coletivo de geração de trabalho e renda. De forma mais geral, compreende-se que não existe apenas um tipo de jovem. Notável é a diferença entre eles, cooperados do empreendimento, em aspectos relacionados aos estudos, compreensão de trabalho e projetos de vida. Assim, também se pode falar que existem grupos juvenis heterogêneos, com diferentes oportunidades, dificuldades, dores e alegrias. Por tanto, neste estudo, compreendemos que:

[...] a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007, p. 21).

É necessário compreender que os critérios que constituem as juventudes contemporâneas nos seios de uma sociedade multicultural na perspectiva da diversidade implicam em considerar que a construção dos jovens não se detém em critérios rígidos. Para tanto,

[...] construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (DAYRELL, 2003, p. 42).

Nesse sentido, compreendemos as juventudes como parte de um “processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. As juventudes constituem um momento determinado, mas não se reduzem a uma passagem; elas assumem uma importância em si mesmas” (DAYRELL, 2003, p. 42). Assim sendo, a juventude é uma condição social e cultural e ao mesmo tempo um tipo de representação na sociedade. É nesse sentido que Abad (2002) alerta para a necessidade de considerar também a existência da *situação* juvenil, correspondente às formas nas quais a condição juvenil é experimentada, ou seja, idade, gênero, classe social, história familiar e pessoal, entre outras.

Se levássemos em consideração as concepções psicológicas dos termos adolescência e juventude, no singular, estaríamos nos aproximando de critérios que não são próprios dos espaços onde os jovens estão inseridos e constroem suas identidades. Estaríamos nos aproximando mais de aspectos biológicos do que de contextos culturais. Por esse motivo, optamos em trabalhar nesse estudo com a abordagem das juventudes (no plural), examinando os diferentes modos de ser jovem no espaço da coleta seletiva e da reciclagem, dando ênfase na construção cultural, social e política, um cenário diversificado onde os jovens constroem as suas relações, inclusive, as de trabalho. *Condição* e *situação* juvenil, como faces de um processo cultural complexo, definiram-se aqui como importantes marcadores de análise.

### **As juventudes e o empreendimento de reciclagem**

A cooperativa onde trabalham os jovens tem vários motivos para ser chamada de empreendimento coletivo de geração de trabalho e renda. Trata-se de um espaço onde a cooperação ligada aos modos de trabalho caminham juntos com os sonhos e as expectativas de seus trabalhadores. Compreendemos a cooperativa como empreendimento de economia

solidária, por ir além dos quesitos legais do cooperativismo e compreender o ser humano como parte do coletivo, não sendo um empreendimento que é guiado pelo lucro, mas pelos benefícios que pode gerar aos seus cooperados, tendo como princípio a sustentabilidade e o cuidado ambiental. Acrescenta Maia (2009) que:

O cooperativismo proposto e considerado, aqui, como autêntico é parte da economia solidária, pois os trabalhadores detêm igualmente e democraticamente a posse e o controle do empreendimento entre outros requisitos. Eles vêm, na autogestão, a tentativa e a possibilidade concreta de identificar seus problemas e limites para, coletivamente, enfrentarem os conflitos no interior das comunidades com a perspectiva transformadora, somando esforços diante de barreiras externas (MAIA, 2009, p. 102).

Adotar a ideia e identificar a COOPERMAG como um empreendimento de economia solidária é reforçado por Singer (2002), que apresenta a economia solidária como “outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual” (SINGER, 2002, p. 10). Para o autor, o que une os trabalhadores e dá ao grupo a identificação da economia solidária é o trabalho com base nas relações humanas, que tem como princípio as pessoas como promotoras das relações. Neste ponto, destaca-se especialmente a importância dada à construção de novas formas de relação, onde o acolhimento da diversidade e a hospitalidade em relação à diferença é condição indispensável para instituir processos de cooperação. Entendendo-se aqui a “hospitalidade” não apenas como tolerância ou aceitação (DERRIDA, 2003), mas como condição da própria recriação da sociabilidade moderna, num mundo onde as metanarrativas homogeneizantes já não encontram guarida.

Não. A tolerância é na verdade o oposto da hospitalidade. Ou pelo menos o seu limite. Se alguém acha que estou sendo hospitaleiro porque sou tolerante, é porque eu desejo limitar minha acolhida, reter o poder e manter o controle sobre os limites do meu “lar”, minha soberania, o meu “eu posso” (meu território, minha casa, minha língua, minha cultura, minha religião etc.). [...] Nós aceitamos o estrangeiro, o outro, o corpo estranho até certo ponto, e desse modo com restrições. A tolerância é uma hospitalidade condicional, circunspecta, cautelosa. (DERRIDA. In: BORRADORI, 2004, pp. 137-138).

Uma das mais importantes dimensões decorrentes da pesquisa apontou na direção dos desafios de construir relações cotidianas de cooperação, para além das concepções teóricas de cooperativismo e economia solidária, pano de fundo para o empreendimento. Foi possível compreender que as relações de efetiva cooperação não estão garantidas por uma

regulação teórica, jurídica ou moral, mas pela construção infindável de uma ética da hospitalidade, concebida como condição para a convivência na diversidade. Trata-se de um trabalho interminável de construção de modos de existir e conviver cooperativamente, numa afirmação radical e tensa do cotidiano como espaço privilegiado de invenção do porvir.

A hospitalidade, de forma incondicional, de fato não existe. Sua impossibilidade acaba se desdobrando no contexto de uma “democracia por vir” que, em si mesma, é problemática. A noção de democracia por vir, para Derrida, pertence, como já vimos, ao tempo da promessa e está inscrita num processo sem fim de melhoramento e perfectibilidade. Perfectível indefinidamente, ela ficará sempre por vir (à venir). Entretanto, faz-se necessária a distinção entre futuro e por vir: o futuro pode significar a mera reprodução do presente, ou a sua evolução. Ao contrário, a ideia de algo que está por acontecer representa a possibilidade da transformação, um recriar, um repensar, um reformular. (SOARES, 2010, p.172)

Embora exista uma dimensão teórica considerável sobre o tema sendo discutida e estudada, acreditamos que a vivência da economia solidária ainda se encontra em estágios embrionários que buscam dar seus primeiros passos, abrindo-se recentemente para a efetiva discussão sobre a produção das subjetividades cooperativas. Talvez por isso, muitas pessoas ainda não tenham encontrado o sentido existencial da economia solidária, mas uma alternativa econômica coletiva, às vezes necessária, para superar a crise social, ambiental e o desmantelamento do trabalho formal.

Compreendida como uma alternativa coletiva de geração de trabalho e renda, percebemos que alguns jovens da COOPERMAG se percebem como funcionários do empreendimento quando nos contam que têm uma carga horária para cumprir, que recebem ordens e um salário. Por outro lado, aparecem sinais de vida coletiva solidária, quando descrevem que antes de ter um horário para cumprir, tem um compromisso com o grupo, com o empreendimento, consigo mesmo, e que consideram como importante a união do grupo.

A união do grupo tem início quando os trabalhadores se reconhecem no empreendimento e conseguem se identificar nas relações de trabalho enquanto empreendedores sociais na esfera da reciclagem, buscando recriar sentidos de vínculos com a coletividade. De acordo com Mota (2005) “[...] o(a) catador(a) que trabalha vinculado(a) a uma cooperativa ou associação tem condições de estabelecer vínculos mais sólidos com a sociedade, viabilizando a construção de parcerias e a prestação de serviços” (MOTTA, 2005, p. 6).

A construção de vínculos com a comunidade acontece no espaço do trabalho, pois todas as pessoas que trabalham na reciclagem moram na comunidade, próximo ao galpão de reciclagem. Outra esfera interessante para ser observada é o trabalho que a cooperativa desenvolve, lidando diretamente com o lixo dos grandes centros urbanos. O que não tem mais significado e valor para algumas pessoas é considerado matéria prima para o empreendimento e transformado em dinheiro por outros. Além do lixo ser transformado em dinheiro, os cooperados compreendem que estão recriando o meio ambiente e suas próprias vidas tirando o lixo das ruas. Há uma dimensão, ainda que embrionária, de compreensão da indissociabilidade entre ecologia ambiental, social e subjetiva. (GUATTARI, 2005)

Bauman (2005) escreve sobre a produção de lixo na obra “Vidas Desperdiçadas”, quando aponta que o mercado trabalha rapidamente pela oferta de produtos destinados ao consumo imediato, sem longa duração, de rápida remoção e substituição, dando lugar a novos produtos, pois os anteriores tornam-se rapidamente obsoletos e perdem o desejo, o valor, o sentido. A rápida remoção dos objetos sem sentido, ultrapassados, para que não atrapalhem o fluxo de vida de novos objetos, recebem o destino da lata de lixo. A beleza encontrada nos objetos é o que lhes dá a vida, o que lhes mantém distante dos montes de lixo. Bauman (2005) salienta que a beleza reina também entre as pessoas na sociedade contemporânea e, ser feio, pode levar alguém ao “depósito de lixo”. A linguagem figurada usada por Bauman (2005) identifica a jovem M., que percebe alguns sinais de desprezo para com aqueles que trabalham com o lixo, quando perguntamos como ela sente o olhar das pessoas de fora para os que trabalham na reciclagem:

M - Acho que algumas, nem todas, não gostam de pessoas que trabalham assim. É como se a gente também fosse lixo às vezes.

A leitura que MILA faz é a de que algumas pessoas não se sentem a vontade com aqueles que trabalham na reciclagem. Surgem aqui algumas dificuldade para a formação da autoestima do jovem trabalhador na reciclagem. O olhar do “outro” instala uma condição de desvalia que se estende do lixo para aqueles que dele sobrevivem. Uma ética contrária ao princípio da hospitalidade radical, porque segregador e excludente.

Além das dificuldades do dia a dia, como o trabalho pesado e as dores pelo corpo, assim como nos conta a jovem A., o trabalho do reciclador é significativo, explica a jovem recicladora:

PESQUISADOR - Como você se enxerga trabalhando aqui na reciclagem?

A - É bom. Um pouco pesado, mas é bom.

PESQUISADOR - É cansativo...eu imagino...não é nem um pouco leve esses fardos que vocês carregam, embora que com os carrinhos agora ficou mais fácil...

A - Ficou, mas precisamos puxar a BEG (sacola) igual. Ontem mesmo eu fui ao médico por causa das minhas costas. Mas vale a pena, sabe?! Não só pela renda, mas também por mudar essa imagem do reciclador como alguém do lixo. A gente pode ser olhado outra forma...

Além do cansaço físico, as falas das jovens são carregadas de sentido e de gosto por serem trabalhadoras da reciclagem, superando a invisibilidade produzida pelos olhares daqueles quem desejam ou tentam anular a existência de quem trabalha com o lixo. O esquecimento e o fato de não ser notado, não tira o sentimento de valor e a identidade de A., quando lhe perguntamos se enxerga sentido na reciclagem.

PESQUISADOR - Você gosta de trabalhar na reciclagem? Ela te dá sentido?

A - Gosto, assim a gente ajuda. Se não reciclar o lixo todo vai para o aterro. A gente tá tralhando pelo meio ambiente também, que é a gente mesmo, né?

A. enfatiza que o serviço na reciclagem carrega um sentido muito importante, reciclar o lixo, e com isso reciclar formas de pensar, sentir, conviver, como também reforça G.:

G. – É um serviço muito importante. Principalmente por causa do nosso meio ambiente. Porque se nós cuidássemos do nosso meio ambiente ele não estaria do jeito que está. Porque a gente precisa pensar o futuro e não no passado...é nosso serviço preservar. Fazendo nossa parte e todo mundo faz a sua, conseguiríamos um mundo melhor se todo mundo cuidasse do meio ambiente. Nós teríamos menos árvores cortadas, menos poluição nos rios e mesmo porque aqui no galpão a gente recicla também a gente mesmo...

G. apresenta um motivo que vai além de um interesse pessoal. O cuidado com o meio ambiente leva um caráter planetário, abertura para uma ética de cuidado com o mundo onde ela própria se reconhece. O mesmo sentido é reforçado por outros jovens em suas narrativas:

M. – Acho que é bom para o nosso trabalho e é bom também para o meio ambiente. A gente não vive separado do meio ambiente. É tudo uma coisa só.

T.H. – Porque a gente vai pegando as reciclagens e a gente ajuda bastante, não só elas aqui dentro, mas ajuda o meio ambiente pra poluir menos, aí é bem melhor. E tudo que agente aprende aqui convivendo com os outros... tomo mundo tão diferente.

Notamos que os jovens vivem um jogo, no qual a vida no espaço social lhes convida a ter um olhar diferente das pessoas de fora da reciclagem. Em se tratando de um modo de se ver como sujeito autônomo na construção de identidades e projetos de futuro, em que o meio ambiente é acolhido e valorizado como espaço de vida e sentido. Bauman (2005) acrescenta que todos nós somos consumidores e fazemos parte de uma sociedade de consumidores. Ora consumimos, ora produzimos lixo, ora somos comparados como pedaços de lixo.

Perguntamos a G. como ela se enxerga como recicladora. Ela responde com brilho nos olhos, e explica que já sentira vergonha de trabalhar na reciclagem, mas hoje se sente orgulhosa pelo trabalho que desenvolve com o grupo. Assim fomos colhendo muitos indícios dos processos de transformação subjetiva implicados no empreendimento. A geração de trabalho e renda é também geração de outros modos existir e conviver, o que equivale a dizer que constituem outra ética.

G. – Eu me sinto orgulhosa pelo que eu faço. Antes eu tinha vergonha de dizer “ah, eu trabalho no lixo”, hoje em dia não tenho mais vergonha, porque isso aqui não é vergonha, é trabalho digno.

PESQUISADOR – Sentia vergonha por quê?

G. – De as pessoas falarem “ah, ela trabalha lá no lixo”. É do preconceito das pessoas. De nos olharem como lixo também...

PESQUISADOR – Como você acha que as pessoas enxergam vocês que trabalham na reciclagem?

G. – Acho que agora, depois de muitas oportunidades que a gente teve, estão tendo uma visão melhor dos catadores. Tão vendo que os catadores não são mais como antes, mas estão evoluindo no mercado de serviço e também crescendo como pessoas. Aui a gente convive e aprende muitas coisas e acaba sendo amis que um trabalho apenas. Muda o meio ambiente, as pessoas, tudo.

Tais indícios dão margem a pensarmos na construção de um processo de mudança cultural que implica nos pensarmos enquanto ecossistema complexo, onde ambiente, relações sociais e formações subjetivas constituem termos inextorquíveis de uma mesma equação. Guattari (2005) aponta com muita clareza essa necessidade, se queremos trabalhar efetivamente para a reconstrução de nossas formas de existência diante de um planeta em crise.

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra freqüentemente "ossificada" por uma espécie de

padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão... (p.7)

As transformações envolvem necessariamente a assunção de uma nova ética, capaz de acolher a “mistura” entre os diferentes registros da existência, num reconhecimento da indissociabilidade natureza-cultura-subjetividade e da não superioridade da Razão humana ilustrada sobre as demais semióticas.

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (GUATTARI, 2005, p.9)

Uma fala de G. anteriormente apresentada aponta a reciclagem como um negócio que está crescendo com o andar do trabalho de cada um no empreendimento, aparecendo como uma alternativa de geração de trabalho e renda para pessoas que são colocadas às margens da sociedade. A leitura e visão do lixo para a maioria das pessoas é tudo aquilo que sobra e não tem mais sentido. Em resumo, aquilo que não tem mais valor e deveria ser eliminado ao invés de transvalorado, como bem explica Gonçalves:

[...] o lixo é associado a tudo aquilo que não presta, ao que precisa ser afastado de nós. Mas, considerando que o lixo é constituído por uma parcela de 40% de materiais recicláveis, podemos considerar que o lixo não é apenas aquilo que não presta. Que no lixo há valores a serem resgatados através do não desperdício, da separação na fonte e do fomento à cadeia produtiva da reciclagem (GONÇALVES, 2003, p.19).

Na perspectiva dos jovens da COOPERMAG, a leitura sobre o lixo se aproxima da compreensão de Gonçalves (2003), pois consideram o lixo como fonte de geração de trabalho e renda, uma renda oriunda de sobras, como explica uma das cooperadas. “Pra eles é lixo, mas pra nós é dinheiro e forma de vida!”

As considerações dos jovens sobre o lixo, fonte de geração de renda e de vida, pode ser compreendida também como alternativa de trabalho em uma sociedade capitalista que opera cada vez mais por estratégias refinadas de produção das subjetividades competitivas e solitárias. A atividade que os jovens operam para transformar o lixo em dinheiro ganha

proporção de sentido existencial quando ocorre a transformação do objeto sobre o qual atua a sua força de trabalho, como pode ser compreendido a partir de Marx (1998):

O processo de trabalho, que descrevemos em seus elementos simples e abstratos, é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais (MARX, 1998, p. 219).

Se por um lado o capitalismo exclui a todos, é possível dizer que os modos de trabalho cooperativo tiram o trabalhador do lugar de meros reprodutores de processos de trabalho, e possibilita sua inserção em espaços de relações solidárias de geração de renda e novas formas de existir e conviver.

Na sociedade capitalista, a regra é de que todos nós, em algum momento da vida, de diferentes modos, fomos ou seremos desenraizados e excluídos. É uma característica própria da lógica da exclusão à inclusão. Com Martins (1997) compreende-se que “a sociedade capitalista desenraiza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica. O problema está justamente nessa inclusão” (MARTINS, 1997, p. 32). Existem diferentes modos de exploração da força de trabalho na sociedade contemporânea, assim como diferentes modos de exclusão e inclusão. Santos (2005) confirma a questão referente ao modo de exploração de trabalho quando escreve que “a busca de alternativas, perante os desafios excludentes do capitalismo, a partir de teorias econômicas baseadas nas associações entre iguais e na propriedade solidária, não é uma tarefa nova” (SANTOS, 2005, p. 32-33).

No caso das juventudes sobrepõem-se duas formas bastante típicas de exclusão: primeiro pelo fato de serem jovens na maioria das vezes concebidos por categorias homogêneas e, não raramente, criminalizantes das condutas juvenis e; segundo por serem trabalhadores “do lixo”, identificados hegemonicamente com o objeto de seu próprio trabalho, detritos do mundo do consumo.

O desenvolvimento econômico que gera o desenvolvimento social está muito aquém de suas possibilidades, como ocorre nos países do Terceiro Mundo e como ocorre também no Brasil. Nega-se na perspectiva das exclusões sociais que dissemina. Compromete profundamente a sua própria durabilidade e, de alguma forma, abre o abismo da sua própria crise.

Nesse viés, retomamos a discussão sobre a economia solidária, que atualmente vem sendo uma alternativa encontrada por milhares de pessoas para combater o desemprego e a falta de possibilidades de inclusão social nas esferas do trabalho, concebida aqui como forma de enfrentamento da crise “ambiental” em sentido lato. O estudo compreende que alguns dos trabalhadores da cooperativas de reciclagem não pretendem permanecer no empreendimento, visto que o mesmo não oferece benefícios ligados à seguridade social, no entanto, como alternativa de combate ao desemprego, os jovens encontram na cooperativa uma oportunidade de geração de renda e, inclusive, um caminho alternativo para a construção de sonhos e projetos de vida.

### **A ética da hospitalidade e as juventudes**

A discussão em torno de uma ética da hospitalidade pensada a partir de Derrida (2003) surgiu como uma necessidade de construir parâmetros que, de certo modo, refletissem e sistematizassem a experiência das práticas educativas vinculadas ao empreendimento. O que efetivamente pode favorecer a transformação da vivência no empreendimento em experiência social transformadora da *condição* juvenil, vivida em *situação* concreta de exclusão?

No contexto dessa problemática, um dos recortes possíveis e bastante potente no trabalho reflexivo apontava na direção das condições de acolhimento da multiplicidade de situações juvenis envolvidas no empreendimento e criação de condições de confiança e solidariedade para o trabalho coletivo. Pode-se afirmar que práticas acolhedoras das diferenças no âmbito do trabalho, sejam elas diferenças de objetivos, de idade, de projetos existenciais, de orientação sexual, de opções estéticas, foi fundamental na criação de um clima de confiança onde puderam conviver diferentes situações de existência articuladas em torno de uma propósito relativamente unificado.

No entanto, essa condição de “hospitalidade” não foi garantida por uma prescrição formal, moral ou jurídica, e sim por um trabalho cotidiano de reafirmação da opção pela diferença, com todos os impasses e desafios que isso implica. Não se trata propriamente de uma realidade, mas sim de um horizonte de permanente desconstrução, de uma promessa constantemente reinstalada, no sentido que lhe atribui Derrida.

A desconstrução vem sendo tomada, ao longo das últimas décadas, como uma alternativa filosófica, ética e política às condições totalizantes impostas ao campo da cultura em geral pela tradição do pensamento ocidental, pois, com as hierarquizações logocêntricas (predomínio do logos, da razão, do inteligível sobre o sensível, da essência sobre a aparência, da verdade sobre o falso etc.), a metafísica ocidental não se limitou a estabelecer as diferenças

entre os fenômenos, mas criou oposições entre eles. A estratégia da desconstrução foi, então, subverter essa lógica das oposições. Ao analisar os pares conceituais binários, presentes na metafísica ocidental, a desconstrução irá questionar exatamente a hegemonia de um dos termos com relação ao outro. Irá criticar a oposição hierárquica que privilegia a presentificação imediata, a unidade e a identidade em detrimento da ausência, da diversidade e da diferença. Entretanto, a crítica à hierarquia e à razão não pretende destruí-las, mas sim transformá-las. A desconstrução se pretende afirmativa, à medida que questiona tais estruturas binárias de oposição sem, contudo, destruí-las. (SOARES, 2010, p.163)

A desconstrução, nesse sentido, surge como uma estratégia que busca driblar as artimanhas do pensamento moderno, com seu furor segmentador e racionalista. Com isso Derrida não pretende simplificar as condições de possibilidade para a vida social ou reativar uma utopia anarquista, senão que pretende instalar definitivamente no horizonte da sociabilidade moderna a hospitalidade como um *incondicional* a assediar nosso pensamento e nossos modos de fazer política. Como já dito anteriormente neste mesmo artigo, a hospitalidade – de forma incondicional – não existe, mas é ela própria a condição de um busca por melhoramento e perfectibilidade, aquilo que Derrida chama de uma “democracia por vir”.

Uma ética da hospitalidade não prescinde, portanto, de formas de regulação e governo, ainda que autogestionadas ou ancoradas na normatividade (CANGULHEM, 2010). Essas formas, no entanto, não estão instituídas em função de uma moralidade universal ou necessária, mas em razão de acordos, pactos, jogos, contratos provisórios e sempre atualizáveis conforme as demandas situacionais, o que pressupõe diálogo constante.

ainda que se mantendo acima das leis da hospitalidade, a lei incondicional necessita das leis, ela as requer. Essa exigência é constitutiva. Ela, a lei, não seria efetivamente incondicional se não devesse tornar-se efetiva, concreta, determinada, se não fosse esse seu ser como dever-ser. Ela arriscar-se-ia a ser abstrata, utópica, ilusória, e, portanto, a voltar-se em seu contrário. Para ser o que ela é, a lei tem necessidade das leis que, no entanto, a negam, ameaçam-na, em todo caso, por vezes a corrompem ou pervertem-na. E devem sempre poder fazê-lo. (DERRIDA, 2003, 71)

Essa aproximação com a ética da hospitalidade não se refere somente à problemática do trabalho cooperativo em questão, mas estende-se aos problemas do mundo contemporâneo, onde se mostra bastante necessária a afirmação de uma atitude crítica do presente que possa ultrapassar a vontade de redenção ilustrada ou racionalista sempre devedora de um idealismo opressor. Bem menos que uma utopia, a perspectiva de uma ética da hospitalidade ou de uma democracia por vir constitui um horizonte ético-estético-político a provocar o pensamento e

nossos próprios modos de existir no cotidiano. A opção pelo “porvir” não é exatamente uma idealização do futuro, mas uma estratégia de invenção do presente.

Então, quando falo de uma democracia por vir, não me refiro a uma democracia futura, a um novo regime, a uma nova organização de Estados-nação (ainda que isto possa ser desejável), mas quero dizer, com este por vir, a promessa de uma autêntica democracia que nunca se concretiza no que chamamos democracia. Isso é um modo de se prosseguir criticando o que hoje se dá em todo lugar em nossas sociedades sob o nome de democracia. Isso não significa que a democracia por vir será simplesmente uma democracia futura corrigindo ou aperfeiçoando as atuais condições das assim chamadas democracias. Significa, antes de tudo, que esta democracia com a qual sonhamos está ligada conceitualmente a uma promessa. A ideia de uma promessa está inscrita na ideia de democracia: igualdade, liberdade, liberdade de expressão, liberdade de imprensa – todas estas coisas estão inscritas como promessas da democracia. (DERRIDA. In: DUQUE-ESTRADA, 2004, p. 244).

Tais ideias parecem bastante férteis quando se trata de pensar a reinvenção de nossas relações com o mundo, especialmente diante da crise do modelo civilizatório que enfrentamos. A crise ambiental alardeada por todos os cantos e, em boa parte das vezes tomada como panfleto publicitário, não se refere apenas à escassez ou destruição dos recursos naturais do planeta, mas também à exaustão de um modo de existir e conviver entre nós, refere-se a um modo hegemônico de subjetivação que recusa a acolhida da alteridade em sua dimensão radical, em última análise, a própria alteridade da razão esclarecida fundada pelo platonismo e reassumida modernamente pelo Iluminismo.

Bauman aponta em direção semelhante ao recuperar a importância do cuidado como categoria ontológica e recolocá-la no centro de suas preocupações cosmopolitas. A “preocupação contemporânea está toda aí: levar essa compaixão e essa solicitude para a esfera planetária” (BAUMAN, 2009, p.90), referindo-se à necessidade de promover práticas de restabelecimento da confiança no mundo e nas relações sociais como potências de recriação do presente.

### **Considerações finais**

Consideramos que a COOPERMAG tem como objetivo principal em seu trabalho a triagem de materiais recicláveis e a geração de trabalho e renda a isso associada, mas o trabalho de pesquisa educacional lá desenvolvido permitiu enxergar bem mais que isso. É também no contato com o mundo do trabalho que os jovens reconstroem suas relações sociais e, inclusive, suas identidades. O artigo compreende os jovens do empreendimento como

sujeitos sociais que constroem suas relações em meio às esferas sociais, culturais e históricas. Dentro desses segmentos destacamos o trabalho. A dimensão social do trabalho na reciclagem opera como dispositivo de transformação das subjetividades e de reinstalação dos sujeitos na trama indissociável das relações natureza-cultura-subjetividade. O trabalho na reciclagem é reconhecido, o que também aumenta a autoestima dos trabalhadores.

Percebemos que o trabalho na cooperativa é indubitavelmente um processo educativo e de construção ética. Acolher os trabalhadores e lhes oferecer uma alternativa de organização e autogestão do trabalho em um local onde não existem hierarquias entre chefes e empregados é muito potente. No início, o que mais chama a atenção daqueles que participam da cooperativa é o dinheiro no final do mês e a possibilidade de acesso ao mundo do consumo, promessa capitalista de existência e realização, como podemos ver na fala de T.H. que estava na cooperativa há apenas dois meses.

PESQUISADOR – O que você mais gosta na sua profissão?

T.H. – Salário (risos).

PESQUISADOR – Me conta um pouquinho, porque isso te chama tanta atenção, o salário.

T.H. – Ah, porque é bom, né. Ganha bastante. É a chance de tu ser alguém na vida.

PESQUISADOR – Tu ganhas bastante?

T.H. – Não, mas ganha bem... pra pagar as contas dá e ainda sobra um dinheirinho.

O dinheiro no final do mês trabalhado é o que mais chama a atenção dos cooperados nos primeiros meses de trabalho na cooperativa, como era de se esperar. Com o passar dos meses no empreendimento os trabalhadores começam a perceber a cooperativa de forma diferente e, aos poucos, percebem a importância de seu trabalho para além da remuneração imediata. A cooperativa torna-se lugar social de ressignificação da própria existência, da qual a remuneração é parte constitutiva, mas não mais o único sentido do trabalho.

O trabalho na cooperativa muda o olhar dos jovens sobre o empreendimento e sobre si mesmos. Se antes o mais importante era o retorno financeiro para acesso ao mundo do consumo, com alguns meses dentro do empreendimento a visão do trabalhador muda e as falas dão lugar ao “reconhecer-se” no trabalho e conviver com os demais, resturando um sentido de existência legítima e da qual podem se orgulhar, assim como relata G., quando se refere aos modos de produção do grupo e seus planos para o futuro no empreendimento.

G. – Temos condições de melhorar muito. Se nos tivéssemos coisas adequadas como um esteira e uma prensa, porque nossa prensa está em estado precário não tendo como pensar toda hora, porque ela para. Ela tá com problemas. Se tivéssemos um prensa e uma esteira melhor nós poderíamos produzir bem mais e aumentar a renda. Hoje nós temos uma renda que dá pra sustentar a família porque a gente não ganha tão pouco. Ganhamos R\$ 500,00 até R\$ 700,00 por mês. É um valor bom, mas a gente tem condições de ganhar muito mais. Temos que pensar pra frente. A cooperativa ajuda a gente a pensar no futuro, a querer melhorar, a confiar que é possível viver melhor... Temos o objetivo de crescer, mas não se quer crescer sozinha. Meu pensamento desde que eu entrei – eu nunca pensei em estar no lugar que estou hoje – mas sempre pensei em ter um bom salário pra mim e pra minhas colegas. Assim todo mundo pode sonhar e construir uma vida melhor, sabe?! Isso mudou muito na minha visão do mundo... uma visão de que a gente pode crescer junto com as outras, todo mundo, né? Bem melhor!

Os planos da jovem estão ligados ao seu atual espaço de trabalho, talvez distantes de um desligamento do grupo, o que não se caracteriza como oficial, mas percebemos que a jovem se envolve muito no trabalho, no grupo e se entende como uma cooperada e não mais como “funcionária” ou “hospedeira parasita”, quando conclui dizendo:

G. – E enquanto serviço, uma renda boa pra minhas colegas. Se elas estando bem, eu também vou estar bem e feliz, com um salário bom e vivendo em paz. Quem não quer ter um salário bom...dizem que dinheiro não traz felicidades, claro, se não tiver saúde, se não estiver feliz, não traz mesmo, mas ajuda, pois sem dinheiro você não vai a lugar nenhum...se quer comprar um coisa, como tu vais comprar se não tem dinheiro. Se tu quer sair e levar teus filhos e eles querem umas coisinhas, se não tem dinheiro como vai fazer? Tem que ter dinheiro...é importante né!! Mas não dá pra querer ser feliz sozinha...

Assim, a experiência da COOPERMAG, assessorada pelo TECNOSOCIAL/UNILASALLE, aponta na direção de uma mudança efetiva no contexto da comunidade em que se insere, possibilitando especialmente que alguns jovens possam ter novas razões para construir seus projetos de vida. Trata-se de um empreendimento simples, ancorado num galpão de reciclagem apoiado pelo poder público, mas um lugar onde as relações de trabalho mudaram a identidade da comunidade. O que antes era um dos bairros mais violentos da cidade de Canoas, onde registravam-se vários atentados à vida, atualmente encontra-se uma comunidade também lembrada por ter um galpão de reciclagem que funciona com o trabalho coletivo de jovens que moram na comunidade e reinventam possibilidades para suas vidas. Projetos como esse revitalizam nossa esperança em novas formas de

sociabilidade, no árduo e interminável esforço de construir uma democracia-por-vir e a uma ética da hospitalidade planetária.

### **Referências bibliográficas**

ABAD, Miguel. Políticas de juventud y empleo juvenil: el traje nuevo del rey. **Última década**. n.22, CIDPA Valparaíso, agosto, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. 6 ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE. **Política Nacional da Juventude**. São Paulo: CONJUVE, 2006.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? reflexão em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2010.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24 Set /Out /Nov /Dez 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2010.

DERRIDA, Jacques. **Da hospitalidade**. Trad. Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DUMKE, Joel Luis. **Juventudes contemporâneas e a construção de identidades no trabalho cooperativo apoiado pelo Tecnosocial/Unilasalle**. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Educação). 2009. 151f. Programa de Pós-Graduação em Educação do Unilasalle, 2012.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (org.). **Espectros de Derrida**. Rio de Janeiro: NAU editora, 2008.

GONCALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. katálysis [online]**. Santa Catarina,

- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- MAIA, Denise Maria. **A dimensão educativa da cooperativa popular**. Tese (Doutorado em Educação). 2009. 197f. Faculdade de Educação da UFMG, 2009.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.
- MELUCCI, Alberto. **O jogo do Eu**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.
- MOTA, Adriana Valle. Do lixo à cidadania. **Democracia Viva**, Rio de Janeiro: IBASE, n. 27, jun./jul. 2005.
- PAIS, José Machado. Culturas juvenis. 2a. Edição. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa [org.]. **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SOARES, Victor Dias Maia. **Hospitalidade e Democracia por vir a partir de Jacques Derrida**. Ensaios Filosóficos, v.1, outubro/2010.